

O PROCESSO DE ARTESANIA INTELECTUAL APLICADO NA ELABORAÇÃO DA PESQUISA ACERCA DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DOS MORADORES DO ARRUA DO ENGENHO VELHO - UFPE.

Lúcio Enrico Vieira Attia

Universidade Federal de Pernambuco
lucioenrico@hotmail.com

Resumo: Este artigo se inspira na produção de C. Wright Mills, especialmente em seu texto *Do artesanato intelectual*, no qual o autor relata como realiza seu ofício na elaboração de pesquisas. Visa refletir, por meio da narrativa da minha própria experiência, sobre o processo de construção metodológica da investigação, acerca da trajetória educacional das famílias moradoras do *Arruado do Engenho Velho*, na *Universidade Federal de Pernambuco*. O presente trabalho parte da coleta de dados realizada na etapa preliminar da pesquisa para demonstrar a tessitura de elementos que foi realizada ao buscar converter ações e atividades cotidianas, em meu *arquivo* de reflexões, ampliando a capacidade de construção de fontes documentais que tiveram por finalidade oferecer subsídios à elaboração de uma produção científica.

Palavras-chave:

Artesanato Intelectual, Arruado do Engenho Velho, Universidade Federal de Pernambuco, Educação, Metodologia.

O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício.
C. Wright Mills

Introdução

Este artigo dialoga com a pesquisa *Trajetoária educacional¹ das famílias do Arruado* que pretende averiguar o itinerário educativo das famílias moradoras do Arruado do Engenho Velho da Várzea situado no Recife, em Pernambuco. A comunidade, nativa e histórica, de descendentes de antigos trabalhadores do Engenho do Meio, vive há mais de cem anos no local². Desde que o *Campus Recife* começou a ser construído, passou a coabitar o território junto com

¹ A pesquisa entende a educação em seu sentido amplo, tal qual proposto por BRANDÃO (1981) e buscará compreender tanto aspectos da trajetória educacional das moradoras e dos moradores do Arruado do Engenho Velho, no sentido da escolarização formal dos sujeitos; quanto se debruçará também no entendimento sobre a educação informal de seu percurso, no sentido dos saberes elaborados e transmitidos fora das instituições oficiais de ensino.

² Vanessa Barbosa - assistente social, formada na UFPE, que atualmente mora no arruado, realizou um questionário socioeconômico dos moradores. Em um vídeo divulgado na *internet*, em 31 de outubro de 2015, afirma que os moradores do local são pessoas empobrecidas. *Arruado: Café Sociológico*. Disponível em: <https://br-tv.net/tv/arruado-caf%C3%A9-sociol%C3%B3gico-gl-iOB7Hh3k.html> Acesso em 05 de agosto de 2018.

a Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, que a cerca atualmente. Trata-se de uma comunidade que vive dentro do *campus*, que compartilha suas vidas com/na universidade, e cuja trajetória de vida encontra-se imbricada com a instituição e vive versa³. A partir da relação estabelecida entre os saberes produzidos pelas famílias do Arruado e os saberes produzidos pela UFPE, a investigação tem como objetivo verificar as permanências e mudanças na trajetória educacional das moradoras e dos moradores do Arruado ao longo dos 70 anos da instituição de ensino. A reflexão tem como eixo central as proposições teórico-metodológicas de Justino Magalhães e se insere no campo da teoria e história da educação e, em especial, da história das instituições universitárias. Trata-se de estudo teórico-empírico, qualitativo, de caráter exploratório.

Neste artigo que ora se apresenta tenho como objetivo relatar o processo de artesanaria utilizado, na concepção de Charles Wright Mills, para converter ações e atividades cotidianas em fontes documentais que tiveram por finalidade oferecer subsídios à elaboração de uma produção científica.

Metodologia

Caminhos junto com Silva ao citar Antônio Carlos Gil, e juntos compreendemos que

a proposta metodológica constitui aspecto fundamental no trabalho científico e, de acordo com Gil (2002, p.162), “nesta parte descrevem-se os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa e, com isso, sua organização varia de acordo com as **peculiaridades de cada pesquisa**” (SILVA, 2010, p. 87) [grifo meu].

Início esta seção citando Silva (2010), destacando o trecho *peculiaridade de cada pesquisa*, a fim de ressaltar que cada investigação tem suas características próprias e que estas

³ As famílias arruandenses - denominação pela qual se reconhecem os moradores, vivem dentro do local de produção do conhecimento formalizado. Chegaram neste território antes da fundação da universidade. Para as pessoas que vão à UFPE, seja para trabalhar ou estudar, a percepção da instituição ocorre de maneira diferente de quem a viu ser construída, trabalhou em sua construção, e que nela vive. Se no âmbito dos mais antigos moradores a universidade cresceu em volta deles, os mais jovens cresceram e crescem na universidade. Gerações de famílias viveram e vivem em relação com a efervescência intelectual e cultural produzida pela UFPE no seu dia a dia. Acredita-se que na relação comunidade-instituição as pessoas que coabitam o local foram se educando e reinventando cotidianamente, como dito anteriormente, tanto no âmbito de sua educação formal quanto informal. Para permanecerem habitando/se relacionando com a/na universidade imagina-se que devem ter desenvolvido, para utilizar um conceito de Certeau (2000), *táticas* de sobrevivência/permanência a fim de ficarem em suas moradias. Afinal, elas têm uma representação do que é a universidade, e desta percepção advém os usos possíveis de serem realizados neste *lugar*, que por consequência atravessa as práticas educativas, culturais e sociais. Essas pessoas cresceram dentro da UFPE e a UFPE ao redor dessas pessoas. (Cf: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes. 2000. 352 p.).

determinarão os caminhos a serem trilhados de acordo com as circunstâncias oportunizadas no momento, de acordo com a realidade sócio histórica e cultural do objeto a ser investigado.

Trago também à nossa presença a recomendação de Mills (2009) de que sejamos bons artesãos; que evitemos qualquer norma de procedimento rígida a fim de nos desviarmos “do fetichismo do método e da técnica” (MILLS, 2009, p.240). Nesta perspectiva, podemos compreender a importância do percurso na realização de nossas pesquisas nos lembrando, contudo, que devemos, nós mesmos, ser nossos próprios metodologistas articulando a teoria e o método mais adequado àquela investigação. O autor aconselha ainda que ao formular e tentar resolver nossos problemas de pesquisa

não hesitemos, na verdade procuremos, de forma permanente e imaginativa, valer-nos das perspectivas e material, ideias e métodos, de qualquer e de todos os estudos sensíveis do homem e da sociedade. São nossos estudos; é parte do que somos parte; não deixemos que nos sejam tirados por aqueles que os encerrariam num jargão estéril e nas pretensões e especialização. (MILLS, 2009, p.242).

Trago estes temas à baila porque um aspecto importante de ser destacado na construção do objeto e do recorte a ser pesquisado acerca do Arruado do Engenho Velho foi a necessidade de, nas palavras de Mills, exercitar o “artesanato intelectual” (*idem, ibidem*) na medida em que quase não havia material produzido sobre a comunidade, como veremos a seguir.

Iniciei o levantamento preliminar da pesquisa revisitando os livros que tratam da história da Várzea. Em seguida realizei um mapeamento em sítios de pesquisa acadêmica como o *SciELO*, *Periódicos da Capes*, o *Google Acadêmico* e o *Academia.edu*. Incluí na minha busca o *Repositório Institucional da UFPE*. Também fiz uma consulta ao *Sistema de Gestão e Informação de Projetos do MEC/Sesu*, o *SIGproj*, e à *Coordenação de Gestão Organizacional da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura*⁴ da universidade, a fim de levantar informações de ações de extensão e cultura, e pesquisas realizadas institucionalmente fossem no âmbito da UFPE ou fora dela.

Para Mills (2009), o estudioso das ciências humanas deve utilizar sua experiência de vida - o que experimenta ou experimentou como pessoa, no seu trabalho intelectual, lançando mão do que ele denomina como nossos *arquivos* pessoais. Estes devem ser atualizados e visitados constantemente a fim de manter sua atenção desperta. De acordo com o conceito elaborado pelo autor, estes *arquivos* são tudo aquilo pelo que somos atravessados em nosso

⁴ Órgão da Universidade no qual sou lotado como Técnico em Assuntos Educacionais.

cotidiano: palavras, leituras e experiências, que devem ser utilizados como base, e transformados na elaboração do conhecimento, como que em uma artesanaria intelectual.

Foi desta maneira que na elaboração da pesquisa sobre a trajetória educacional das famílias do Arruado do Engenho Velho - UFPE foi muito importante o acesso aos saberes produzidos “fora”⁵ da universidade. Nesta etapa foram encontrados os primeiros vestígios sobre o tema na rede mundial de computadores. Foram coletadas produções audiovisuais e textuais na pesquisa geral do *Google* - incluindo todos os mecanismos de buscas (geral, mapas, vídeos, livros etc), no *YOUTUBE*, e ainda em redes sociais, como o *Facebook*, que contém as publicações dos próprios moradores do Arruado. Dentre as informações encontradas, destaco a importância do *blog Eu-Lírico*, que contém publicações sobre a comunidade desde o ano de 2014. A página pertence à Luiz Eurico de Melo Neto, morador do Arruado, serventuário da justiça, arquivista do Fórum da Capital. E assim, narrativas textuais e audiovisuais citadas neste parágrafo foram consideradas fontes primárias da pesquisa neste período preliminar de aproximação ao campo.

A partir do levantamento exploratório foram reunidos contatos e nomes de pessoas que, de alguma maneira se relacionam ou relacionaram com o Arruado. Estas serão contatadas futuramente; sejam servidores que já tiveram ou têm algum tipo de contato com a comunidade, ou as redes de aliança identificadas para além das relações institucionais da UFPE como o *Movimento Cultural da Várzea*, por exemplo. Neste momento, devido ao histórico relacional entre a universidade e as famílias do Arruado não se apresentar de maneira digamos, muito amigável, como veremos adiante; e pelo projeto ainda estar em fase inicial, considerei prudente não envolver diretamente as moradoras e os moradores na conjuntura da investigação. Enquanto isso, como dito, me detive na produção imagético-discursiva produzida em grande parte pelos Arruandenses, e na conversa com servidores não tão próximos à questão com o objetivo de levantar o maior número de informações/percepções sobre o tema, a fim de me inteirar do assunto.

No prosseguimento da investigação iniciarei o levantamento das informações tal qual a metodologia proposta por Justino Magalhães, referencial teórico da pesquisa. Serão cruzadas as memórias orais, que serão obtidas através de entrevistas semiestruturadas, com ênfase na história de vida dos sujeitos e da comunidade da pesquisa, por meio de pesquisa participante;

⁵ As aspas são utilizadas aqui porque, como vimos, o Arruado encontra-se dentro da universidade. Ele não é a/da UFPE, mas encontra-se no mesmo território que a instituição. A expressão “fora” aqui utilizada remete-nos à produção não acadêmica e serve para reforçar a situação ambígua que tanto a Universidade Federal de Pernambuco quanto a comunidade do Arruado do Engenho Velho vivem cotidianamente.

assim como serão acessados também outros suportes de memória como fotos, vídeos, mapas, certidões, atestados de matrícula, cadernetas, atas de reuniões, relatórios, fichas funcionais, documentos referentes à questão judicial com a UFPE, e documentos em geral, contidos em arquivos e em museus, como o *Memorial Denis Bernardes*⁶, o Arquivo Público e ainda, recortes de jornais sobre o assunto.

Na primeira aproximação com as moradoras e os moradores, em específico, será utilizada a técnica “bola de neve”, conforme explicitada em ALVES (1991, p. 59). Esta abordagem consiste em identificar uns poucos sujeitos da pesquisa e pedir para que eles indiquem outros, que por sua vez indicarão outros e assim sucessivamente até que se chegue ao ponto de redundância. Será realizado um questionário socioeconômico e cultural a fim de identificar os saberes obtidos tanto por meio da escolarização formal quanto da educação informal com aquelas e aqueles que forem alfabetizados, e também serão realizadas entrevistas a fim de aprofundar as questões e captar as interpretações dos sujeitos da pesquisa. Está constará de três eixos: a biografia do interlocutor, sua trajetória educacional e ocupacional e ainda sua relação com a UFPE.

Resultados

Como vimos, o recorte da pesquisa foi encontrado a partir de aproximações sucessivas ao tema geral a ser investigado, por meio do processo que Mills (2009) intitula *artesanía intelectual*. Nesta construção destacou-se em minha percepção a forma pela qual se estabeleceu a relação entre a UFPE e o Arruado, que denominei anteriormente como não muito amigável, visto que o impacto das decisões institucionais é muito grande na vida das famílias moradoras do local. Para prosseguir e explicar um pouco melhor essa afirmativa trago agora um pouco das vozes de algumas moradoras, a título de ilustração, das questões atuais com as quais se deparam cotidianamente:

Cansada de tudo isso! A cada ano só piora! É como se não existíssemos! Sinceramente, depois de 17 anos morando na Federal e vivenciando cada um dos problemas que enfrentamos, que por sinal não são problemas recentes, não acredito em nenhuma solução que vá nos beneficiar! É péssimo pensar assim, mas depois de tantas reuniões e tentativas frustradas de mudar a situação dos portões de entrada e saída da UFPE, e agora essa! É compreensível que não espero que se resolva!

⁶ O Memorial Denis Bernardes destina-se à preservação, conservação e disseminação da informação científica de natureza histórica produzida na UFPE.

(Depoimento de uma das moradoras em sua página no *Facebook* sobre os portões do Centro de Geociências e de Tecnologia - CTG trancados) ⁷.

Desde criança sou obrigada a pular as grades do CTG
(Depoimento de outra moradora em reunião na Reitoria) ⁸

Quando eu for grande, quero estudar fora da UFPE, pois me sinto prisioneira aqui dentro. (Sonho de uma das crianças do Arruado relatado na fogueira, em noite que ocorreu mais um apagão) ⁹.

Da construção da universidade até os dias de hoje mais de 70 anos se passaram. De acordo com o material coletado neste levantamento preliminar, parece-me que a principal questão do Arruado é o seu não reconhecimento por parte da UFPE. Isolada dentro da instituição pública federal, as famílias que lá residem, têm todos os seus problemas ligados à universidade. Da água utilizada nas torneiras, a energia elétrica que abastece as casas, à coleta de lixo, passando pela poda de árvores e a limpeza das ruas, todos esses serviços, são realizados pela UFPE. De acordo com o material consultado, quando ocorrem problemas, são semanas de espera para serem atendidos serviços de cuidados básicos como água e luz. Se as demandas que surgem, por parte dos órgãos da própria instituição, têm demora em serem atendidas, imagine para um grupo de pessoas que é vista como invasora deste território.

As moradoras e os moradores não têm o direito à moradia plenamente assegurada. Deste ponto central, parece-me, desdobram-se todas as outras questões: o acesso à água de qualidade, que também costuma faltar, a ausência de saneamento, a telefonia e a internet (o sinal do *Wi-fi* “livre” da UFPE não os alcança, e não lhes é permitido instalar outro tipo de acesso à internet), por exemplo. Com a proibição de plantar e de criar todo e qualquer animal de grande porte, as moradoras e os moradores passaram a tentar colocar barracas para vender seus produtos no *Campus*; contudo, costumam ser expulsos de seus locais. Um relato acessado afirma que, inclusive o *Bar da Moita*, com divulgação na entrada do Arruado, foi também proibido de funcionar.

Para, além disso, os portões do *Centro de Geociências e de Tecnologia* - entrada que permite o acesso ao Arruado são sempre fechados entre 23h e 6h, nos dias úteis, e 24h nos feriados e fins de semana. Nestes dias e horários, moradoras e moradores têm que pular as grades que cercam a universidade a fim de sair de seu confinamento institucional.

⁷ MELO NETO, Luís Eurico. No Arruado tereis aflições, mas, tende bom ânimo! Um cronist'amador. Disponível em: <https://euliricoeu.wordpress.com/2018/03/29/no-arruado-tereis-aflicoes-mas-tende-bom-anim/> Acesso em: 15 de julho 2018.

⁸ *Idem, ibidem, loc. cit.*

⁹ *Idem, ibidem, loc. cit.*

Em síntese, a partir dos exemplos coletados, parecem se evidenciar as questões da posse da terra, a repulsa e o preconceito por parte da comunidade acadêmica.

Sendo assim, de acordo com o material coletado, a investigação encaminhou o desenvolvimento de uma pesquisa inovadora teórico-empírica, de análise qualitativa, e de caráter exploratório uma vez que visa contribuir para a elucidação da relação estabelecida entre as famílias moradoras do *Arruado do Engenho Velho da Várzea* e a *Universidade Federal de Pernambuco*.

O problema apresentado busca refletir sobre qual o impacto que a convivência direta e permanente entre a produção artístico-científica realizada na universidade traz para as famílias que residem no Arruado do Engenho Velho e se pergunta: qual o percurso educacional das famílias do Arruado?

A partir do levantamento de informações preliminares, o projeto apresentou como hipótese inicial a percepção de que as ações desenvolvidas nos processos educativos da UFPE, no âmbito do tripé universitário ensino-pesquisa-extensão, não se relacionam com os saberes construídos no Arruado; dessa maneira, não trazem um impacto efetivo na melhoria das condições materiais e objetivas de vida das moradoras e dos moradores.

Nos seus objetivos constam:

- Investigar a relação estabelecida entre os saberes produzidos pelas famílias moradoras do Arruado do Engenho Velho da Várzea e os saberes produzidos pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE a fim de verificar as permanências e mudanças na trajetória educacional das moradoras e dos moradores do Arruado ao longo dos 70 anos da instituição de ensino;
- Inventariar as condições materiais de vida dos moradores do Arruado, por meio de questionário socioeconômico e cultural a fim de identificar os saberes obtidos tanto por meio da escolarização formal quanto da educação informal;
- Reunir as memórias biográficas e comunitárias dos moradores, através da realização de entrevistas a respeito de sua trajetória educacional, e do acesso às suas documentações; assim como consultar também os agentes públicos e os arquivos da universidade, visando refletir sobre as representações construídas pela instituição de ensino acerca do Arruado do Engenho Velho.

Discussão

Aprofundando um pouco mais o processo de *artesanía intelectual* - objeto de nossa reflexão no presente momento e reforçando o debate acerca da elaboração de uma pesquisa, trago a contribuição de Souza (2009). Em seu texto, *orientar na arte do uso dos métodos e das fontes*, o autor cita Certeau ao refletir sobre o processo de construção de pesquisa em história. Ao fazer isso, dialoga com nossa investigação acerca da história das instituições educativas e nos dá um exemplo de seu processo de construção:

Esses aspectos corroboram com Michel de Certeau (CERTEAU, 1976, p. 30) ao afirmar que “em história, tudo começa com o gesto de selecionar, de reunir (...) dessa forma transformar em ‘documentos’ determinados objetos distribuídos de outra forma” (CERTEAU, 1976, p. 30). Com essa orientação, o autor nos ensina que o historiador é antes um colecionador, um garimpeiro que vai selecionando e organizando o material disposto numa determinada ordem ou lugar e realiza seu deslocamento para construir os documentos necessários [...] alterando seu “estatuto” o que permite ressignificar tais objetos dando-lhes a possibilidade de situá-los em outro lugar, ainda que seja um ambiente provisório no contexto dos fatos que pretende investigar. [...] Somente dessa maneira é possível transformar em documentos o que existia sob outra perspectiva, inclusive o que era exposto socialmente com outra finalidade que não a atribuída pelo historiador (SOUZA, 2009, p.15-16).

Esta foi exatamente a estratégia utilizada na elaboração desta pesquisa: transformar em documentos o que existia sob outra perspectiva, com outra finalidade. A partir desta reflexão, pode-se propor um diálogo de Souza com Mills (2009) acerca da *artesanía intelectual* quando o autor afirma que:

o primeiro passo na tradução da experiência, seja a dos escritos de outros homens, ou de nossa própria vida, na esfera intelectual, é dar-lhe forma. Dar, simplesmente, nome a uma experiência nos convida a explicá-la: a simples tomada de nota de um livro é quase sempre um estímulo a reflexão. Ao mesmo tempo, essa nota é uma grande ajuda para compreendermos o que lemos (MILLS, 2009, p.215).

Ao que Souza (2009) continuaria:

Talvez o principal trabalho da historiografia seja o de transformar em documentos uma variedade de objetos distribuídos de maneira dispersa em determinados lugares unidos a uma “produção socioeconômica e cultural”, ajuizando, portanto, a um discurso (SOUZA, 2009, p.16).

Castro, sintetizando a obra *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*, poderia ainda complementar o diálogo e afirmar que, de acordo com as proposições de Mills (1969) este discurso é existencial:

No trabalho do cientista social não haveria fórmulas, leis, receitas, e sim *métodos*, no sentido original grego da palavra: via, caminho, rota para se chegar a um fim. Nesse sentido, ver o trabalho de pesquisa como um ofício ressalta a importância da dimensão existencial na formação do pesquisador. [...] Trata-se, como Mills aponta, de enfatizar a indissociabilidade, para o “artesão intelectual”, entre sua vida e seu trabalho [...] o importante, na visão de Mills, é que ele, como bom artesão, não dissocie sua vida de seu trabalho. [...] No arquivo unem-se experiência pessoal e reflexão profissional. (CASTRO, 2009, p. 13-14).

Como se pode perceber, ao encararmos nossa pesquisa como um ofício, criando o hábito da autorreflexão sistemática e integrando as dimensões humanas e investigativas, podemos realizar combinações inesperadas e por que não dizer, inovadoras, a fim de abrir novas frentes para a investigação.

Conclusões

Este artigo apresentou o processo de construção da pesquisa que visa averiguar o itinerário educativo das famílias moradoras do Arruado do Engenho Velho da Várzea localizado na Universidade Federal de Pernambuco. A partir das reflexões propostas por C. Wright Mills buscou revelar o processo de *artesanía intelectual* utilizado, pelo qual a reflexão teórica e os processos de vida se encontram a fim de possibilitar a delimitação do objeto de pesquisa. Neste caso em específico a pesquisa exploratória encaminhou a investigação para a *internet*, onde ocuparam centralidade neste momento as publicações das moradoras e dos moradores em plataformas de distribuição de vídeos, redes sociais e especialmente um *blog*. Busquei cercar-me, através das investigações realizadas do todo tipo de material possível a fim de constituir documentações válidas para a constituição do objeto da pesquisa, nas palavras de Mills, fugindo do fetichismo do método e da técnica. Incluí nesta etapa de elaboração toda a produção relacionada ao tema, seja ela de origem acadêmica ou não, buscando fundir minha vida pessoal e intelectual no desenvolvimento dessa proposta.

A partir desta *artesanía intelectual* foi delineado o problema da pesquisa que busca refletir sobre qual o impacto que a convivência direta e permanente entre a produção artístico-científica realizada na universidade traz para as famílias que residem no local. De acordo com o levantamento das informações preliminares, foi criada a hipótese inicial de que as ações desenvolvidas nos processos educativos da UFPE, no âmbito do tripé universitário ensino-pesquisa-extensão não se relacionam com os saberes construídos no Arruado; e dessa maneira, não trazem um impacto efetivo na melhoria das condições materiais e objetivas de vida das moradoras e dos moradores.

Por fim, cabe salientar que este próprio artigo, escrito em fase inicial da pesquisa é em si mesmo mais um elemento dos meus arquivos, sendo ele mesmo, um retrato deste momento da investigação.

Referências

ALVES, Alda Judith. *O planejamento de pesquisas qualitativas em educação*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo. num.77. 1991 p.53-61. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1042> Acesso em 10 julho 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CASTRO, Celso. *Sociologia e a arte da manutenção de motocicletas*. In: MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar. 2009, p. 07-20.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes. 2000. 352 p.

LABUTUCA UFPE - *Arruado: Café Sociológico*. Disponível em: <https://br-tv.net/tv/arruado-cafe%20C3%A9-sociol%C3%B3gico-gl-iOB7Hh3k.html> Acesso em 05 de agosto de 2018.

MELO NETO. *Um cronista amador*. Disponível em: <https://euliricoeu.wordpress.com/2018/03/29/no-arruado-tereis-aflicoes-mas-tende-bom-animo/> Acesso em: 15 de julho 2018.

MILLS, C. Wright. *Do artesanato intelectual*. In: MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar. 2009, p. 211-244.

SILVA, Luciana Justino de Almeida. *Trajetórias de alunos egressos do Ginásio Pernambucano na década de 1980: a escolarização como via de ascensão social*. In: SIMÕES, José Luís (org.) Pesquisas em teoria e história da educação. Recife, Editora Universitária da UFPE, 2010. p.85-98

SOUZA, Edilson Fernandes de. *Orientar na arte do uso dos métodos e das fontes*. In: SOUZA, Edilson Fernandes de (org.). Histórias e memórias da educação em Pernambuco. Recife: Editora Universitária/UFPE, 2009. p.9-21